

Parágrafos da argumentação

A persistência do racismo na sociedade brasileira.

Nesse contexto, é preciso trazer à tona a um recorte da história da primeira década do século 20: a Revolta da Chibata, quando marujos, insatisfeitos com a violência física a que eram submetidos, organizaram-se num motim que, segundo historiadores, coroou o protesto contra a desigualdade social e racial daqueles dias. Mais de cem anos da Revolta, infelizmente, ainda há mostras do mesmo preconceito, cuja discussão se acalora quando há ataques racistas de grande alcance midiático, ocasião em que há manifestações de rua impetuosas, mas que, verdade seja dita, vão perdendo força até o próximo ataque. É de se lamentar o fato de o debate em torno do racismo ser facilmente adiado.

Outrossim, embora hoje tenhamos amplamente divulgada a máxima “somos todos iguais”, o combate ao racismo é ineficiente, o que fica claro não só pelo grande número de pessoas negras pobres e analfabetas, como também pela disparidade entre as remunerações de brancos e negros. Isso sem contar o fato de a cultura afro não ser explorada suficientemente, em especial nos currículos escolares. Aliás, é importante anotar que os estudantes brasileiros do Ensino Médio têm contato com as literaturas portuguesa e inglesa, e não com a literatura africana. É certo que uma medida paliativa vem sendo aplicada pelas universidades federais, qual seja a leitura obrigatória de escritores africanos, como Mia Couto e Pepetela – porém, isso se dá fora de contexto, uma vez que o vestibulando é surpreendido, às vésperas do vestibular, com algo alheio ao currículo do Ensino Médio.

Por Gislaine Buosi